



Universidade Federal do Pampa

**Campus Santana do Livramento
Graduação em Administração
Trabalho de Curso**

DESAFIOS ENFRENTADOS PELO TRABALHADOR-ESTUDANTE EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL

Autoria: Leonardo Gonçalves Castro

Orientador: Prof. Dr. Igor Baptista Oliveira de Medeiros

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo geral analisar como os trabalhadores-estudantes de uma universidade federal experienciam a configuração do Ensino Superior. De forma específica, buscou-se: descrever como a configuração universitária do Ensino Superior se relaciona com as rotinas do trabalhador-estudante; identificar os desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes para usufruir de políticas universitárias no Ensino Superior; e apresentar os impactos desses desafios no desempenho acadêmico do trabalhador-estudante. Para tanto, utilizou-se o método de estudo de caso, com a triangulação de dados, combinando a análise dos itinerários de 88 trabalhadores-estudantes, 5 participantes de grupo focal e pesquisa documental. Esta última incluiu análises de editais institucionais e dados de reprovação em disciplinas. Os resultados revelam dificuldades significativas, como a incompatibilidade entre os horários das aulas e as demandas profissionais, apoio institucional insuficiente e a falta de flexibilidade no acesso a recursos acadêmicos essenciais, como bibliotecas e suporte pedagógico. Esses fatores contribuem para altos índices de desinteresse acadêmico, dificuldades no desempenho escolar e evasão, impactando negativamente a qualidade de vida e a saúde mental dos estudantes. Recomenda-se a adoção de horários mais flexíveis, o fortalecimento das políticas de apoio estudantil e a implementação de uma abordagem administrativa baseada em dados para promover a retenção e o sucesso acadêmico dos trabalhadores-estudantes.

Palavras-chave: trabalhador-estudante; configuração do ensino superior; universidade federal; desempenho acadêmico; apoio institucional.

CHALLENGES FACED BY THE WORKING STUDENTS IN A FEDERAL UNIVERSITY

ABSTRACT

This study aimed to analyze how working-students at a federal university experience the configuration of Higher Education. Specifically, it sought to: describe how the university configuration of Higher Education relates to the routines of working-students; identify the challenges faced by working-students in utilizing university policies in Higher Education; and present the impacts of these challenges on the academic performance of working-students. To this end, the case study method was used, with data triangulation, combining the analysis of the itineraries of 88 student workers, 5 focus group participants and documentary research. The latter included analyses of institutional notices and failure data in disciplines. The results reveal significant difficulties, such as the incompatibility between class schedules and professional demands, insufficient institutional support, and a lack of flexibility in accessing essential academic resources, such as libraries and pedagogical support. These factors contribute to high

rates of academic disinterest, difficulties in academic performance, and dropout, negatively impacting students' quality of life and mental health. It is recommended that more flexible schedules be adopted, student support policies be strengthened, and a data-driven administrative approach be implemented to promote retention and academic success for working-students.

Keywords: student-worker; configuration of higher education; federal university; academic performance; Institutional support.

DESAFÍOS ENFRENTADOS POR EL TRABAJADOR-ESTUDIANTE EN UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo general analizar cómo los trabajadores-estudiantes de una universidad federal experimentan la configuración de la Educación Superior. De forma específica, se buscó: describir cómo la configuración universitaria de la Educación Superior se relaciona con las rutinas del trabajador-estudiante; identificar los desafíos enfrentados por los trabajadores-estudiantes para beneficiarse de las políticas universitarias en la Educación Superior; y presentar los impactos de estos desafíos en el rendimiento académico del trabajador-estudiante. Para ello, se utilizó el método de estudio de caso, con triangulación de datos, combinando el análisis de los itinerarios de 88 estudiantes trabajadores, 5 participantes de grupos focales e investigación documental. Este último incluyó análisis de avisos institucionales y datos de fracaso en disciplinas. Los resultados revelan dificultades significativas, como la incompatibilidad entre los horarios de las clases y las demandas profesionales, apoyo institucional insuficiente y la falta de flexibilidad en el acceso a recursos académicos esenciales, como bibliotecas y apoyo pedagógico. Estos factores contribuyen a altos índices de desinterés académico, dificultades en el rendimiento escolar y evasión, impactando negativamente la calidad de vida y la salud mental de los estudiantes. Se recomienda la adopción de horarios más flexibles, el fortalecimiento de las políticas de apoyo estudiantil y la implementación de un enfoque administrativo basado en datos para promover la retención y el éxito académico de los trabajadores-estudiantes.

Palabras-clave: estudiante-trabajador; configuración de la educación superior; Universidad Federal; rendimiento académico; Apoyo institucional.

1 INTRODUÇÃO

A educação superior desempenha um papel crucial na transformação social e no desenvolvimento econômico. Alocar recursos nesta área pode impulsionar a produção científica e as inovações tecnológicas, ao mesmo tempo em que aumenta o número de pessoas com capacidades aprimoradas. Melhorando assim, suas perspectivas de emprego em um mercado cada vez mais exigente (World Bank Group, 2020).

Nessa linha de pensamento, as políticas de expansão da educação superior e de inclusão nela foram uma preocupação central dos Governos dos Presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, principalmente entre os anos 2004 a 2014, possibilitando a ampliação do acesso a esse nível de ensino por camadas da população que antes não usufruíam dessas políticas educacionais. Iniciativas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.096, de abril de 2007, e programas de bolsa, como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), criado pela Lei nº 11.096 de janeiro de 2005, foram implementadas com o objetivo de reduzir as desigualdades de acesso, sendo identificadas como cruciais para o desenvolvimento do ensino superior nacional (Vargas; Paula, 2013; Fontoura Junior, 2022).

De acordo com Nunes, Martignoni e Carvalho (2003), tais medidas visam atender às metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação (PNE), buscando incorporar faixas da população historicamente excluídas do sistema de ensino superior. Além disso, essas iniciativas de democratização do ensino superior se somaram ao marco significativo da disponibilidade da educação superior no turno da noite. Conquista que se deu a partir da inclusão do inciso VI do Artigo 208 da Constituição Federal de 1988, propondo a expansão do Ensino Público noturno para garantir "oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando" (Brasil, 1988).

Todavia, de lá para cá, o perfil predominante do estudante dos cursos noturnos é o do trabalhador-estudante que exerce função remunerada sendo o responsável por colaborar inteiramente com o orçamento doméstico, e do estudante-trabalhador que exerce função remunerada, mas recebe apoio financeiro da família (Furlani, 1999). Ou seja, esses estudantes muitas vezes são impossibilitados de ingressar nas Universidades Públicas pela demanda necessária e intensa de estudos para obter a vaga, mas ainda assim buscam “melhorar” a situação financeira ou aprimorar o intelecto através da tentativa de ingresso no Ensino Superior.

A presença significativa de estudantes que trabalham destaca a realidade problemática incontestável enfrentada pelos trabalhadores-estudantes. No entanto, apesar da importância desses estudantes na dinâmica do ensino superior noturno, há uma percepção entre pesquisadores e profissionais do ensino de que a análise dos desafios enfrentados pela educação superior noturna é frequentemente relegada a um segundo plano e acontece de maneira incompleta e fragmentada (Maranhão; Veras, 2017).

Sposito et al (1989), ressaltam que, embora esses estudantes representem uma parte significativa da comunidade acadêmica, suas necessidades e desafios muitas vezes não recebem a devida atenção. Essa falta de atenção pode resultar em políticas e práticas institucionais que não são adequadas para atender às demandas específicas desse grupo de estudantes, levando a desafios adicionais em sua jornada acadêmica. Além disso, as extensas jornadas laborais frequentemente resultam em exaustão física e mental, afetando negativamente sua capacidade de concentração e desempenho acadêmico, ocasionando uma difícil conciliação entre trabalho e estudo (Pereira, 2016).

Segundo os levantamentos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (BRASIL, 2022), a partir do Censo da Educação Superior, o turno noturno é o que possui mais estudantes nos cursos de graduação presencial quando comparado ao turno diurno. De acordo com o Censo, 54% das matrículas de graduação presencial ocorrem no período noturno. No ano de 2022, foram 984.561 discentes ingressantes nos cursos de graduação presencial noturno, entre instituições públicas e privadas. Isso demonstra a abrangência da questão estudada, já que para equilibrar estudo e trabalho, o trabalhador-estudante deve optar, muitas vezes, pelo ensino superior noturno, dada a falta de flexibilidade nos horários para estudar devido às jornadas de trabalho tipicamente estabelecidas pela sociedade e suas respectivas organizações (Bittar; Ortega, 2016).

Diante desse contexto, os desafios enfrentados pelo trabalhador-estudante se tornam claros, como evidenciado por Pires (2021), a falta de atenção aos problemas encarados por esse grupo de estudantes pode comprometer a eficácia das iniciativas de democratização do acesso ao ensino superior, bem como a qualidade da experiência acadêmica oferecida a eles. Com esse cenário posto, levanta-se a seguinte questão de pesquisa: **“Como os trabalhadores-estudantes de uma universidade federal experienciam a configuração do Ensino Superior?”**.

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral: analisar como os trabalhadores-estudantes de uma universidade federal experienciam a configuração do Ensino Superior. Para alcançar esse objetivo, foram traçados os seguintes específicos: (a) descrever como a configuração universitária do Ensino Superior se relaciona com as rotinas do trabalhador-estudante; (b) identificar os desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes para usufruir

de políticas universitárias no Ensino Superior; e (c) apresentar os impactos desses desafios no desempenho acadêmico do trabalhador-estudante.

Este trabalho se concentra na vivência e nos desafios enfrentados por um grupo específico de estudantes que conciliam os estudos e o trabalho. Isso proporciona uma abordagem mais direcionada e específica para entender as dinâmicas e necessidades desses estudantes, o que pode contribuir para políticas e práticas mais eficazes de ensino superior voltadas para essa parcela da população.

No plano teórico, essa pesquisa se justifica pois nos últimos anos, há poucos estudos que analisam como os trabalhadores-estudantes têm usufruído do Ensino Superior. Daqueles que abordam tal tema, existe o estudo de Pires (2021) que revela que a universidade não fornece condições adequadas para os alunos dos cursos noturnos, não cumprindo com os padrões de qualidade exigidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Da mesma forma, o estudo de Dias Sobrinho (2010), argumenta que democratizar a educação vai além da expansão quantitativa, envolvendo também a qualidade pública e a relevância social, pois, sem qualidade para todos, o princípio da equidade não é cumprido e as desigualdades sociais persistem.

Portanto, este estudo se propõe a preencher essa lacuna ao adotar uma abordagem abrangente e integrada, que considere não apenas os aspectos acadêmicos, mas também as dimensões sociais e pessoais envolvidas na democratização do acesso e da permanência dos trabalhadores-estudantes na educação superior.

Todavia, é crucial que as instituições públicas de ensino superior estejam atentas às necessidades dos alunos que conciliam estudos e trabalho, evitando a inação diante das desigualdades educacionais. É igualmente importante garantir políticas afirmativas que adaptem os percursos dos estudantes-trabalhadores, permitindo sua participação em congressos, simpósios, oficinas, projetos de pesquisa e extensão, e outras atividades científicas essenciais para sua formação inicial (Carvalho; Cardoso, 2022).

No plano prático, espera-se não apenas contribuir para o avanço teórico e empírico sobre o tema, mas também fornecer subsídios para a formulação de políticas e práticas mais inclusivas e eficazes no âmbito do ensino superior, visando a promoção da igualdade de oportunidades e a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os desafios enfrentados pelo trabalhador-estudante constituem um tema complexo que envolve uma série de questões socioeconômicas e educacionais. Nesta seção, iremos explorar os principais aspectos relacionados a essa problemática.

2.1 Rotina e condições de vida dos trabalhadores-estudantes de universidade

Um trabalhador-estudante é alguém que equilibra atividades profissionais com estudos acadêmicos, uma realidade comum entre aqueles que precisam conciliar a exigência de gerar renda com o desejo de prosseguir na formação educacional. Essa condição difere da do estudante-trabalhador, que realiza uma função remunerada, mas conta com o apoio financeiro da família, não sendo, portanto, o principal responsável por seu próprio sustento, tampouco por suas obrigações financeiras em relação a terceiros (Furlani, 1999). Portanto, no Quadro 1, apresenta-se as definições dessa classe específica de estudantes, o trabalhador-estudante, alvo do estudo em questão.

Nessa linha, com base nas análises de Pochmann (2013), é essencial compreender que a melhoria das condições econômicas de uma parcela significativa da população não representa necessariamente uma ruptura com a condição de classe trabalhadora, mas sim sua reafirmação em um contexto de surgimento de uma nova classe trabalhadora. Isso é evidenciado pelo

crescimento das taxas de emprego entre aqueles que recebem até 1,5 salário mínimo, destacando a ampliação dos sujeitos que participam da relação capital-trabalho como vendedores de força de trabalho. Essa análise ressalta a importância de reconhecer as condições materiais da relação entre capital e trabalho ao discutir o acesso da classe trabalhadora ao ensino superior.

Quadro 1 - Definições de trabalhador-estudante

Autores	Conceitos do Trabalhador-Estudante
Arroyo (1990)	O trabalhador-estudante é aquele que, tendo começado a trabalhar cedo, tenta desde o ensino fundamental conciliar os estudos sem poder deixar de trabalhar para sobreviver e continuar estudando.
Romanelli (1995)	Para esse estudante, o trabalho é de grande relevância, pois não depende financeiramente da família, já que ele contribui ou tem a possibilidade de contribuir com o orçamento doméstico. O autor destaca que, para essa categoria, estudar é uma escolha pessoal que pode ser motivada por valores individuais ou por aspirações de progresso profissional e financeiro.
Furlani (1999)	O trabalhador-estudante pode ser definido como aquele que trabalha em tempo integral para contribuir totalmente com a renda familiar.
Terribili Filho (2007)	É aquele que tem o trabalho como sua atividade principal e, por meio dos estudos, busca ampliar seu conhecimento e/ou obter um diploma, visando principalmente uma melhor qualificação e ascensão profissional.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Nesse contexto, a presença de estudantes que trabalham é uma realidade que tem sido amplamente documentada. Estudos realizados em diversos países, como apontado por Butler (2007), relatam prevalências significativas de estudantes universitários que conciliam suas atividades acadêmicas com jornadas de trabalho remunerado. No Brasil, pesquisas também destacam essa tendência, como evidenciado por Fischer et al. (2003) e Oliveira et al. (2001), que identificaram frequências substanciais de discentes trabalhadores, especialmente entre aqueles provenientes de escolas públicas de ensino médio.

Muitos alunos precisam trabalhar enquanto estudam devido à falta de apoio financeiro, seja para cobrir necessidades pessoais, manter os estudos ou sustentar-se. Os alunos trabalhadores enfrentam desafios significativos, pois precisam dividir seu tempo entre o trabalho e os estudos, o que frequentemente resulta em dificuldades para gerenciar a carga horária e os custos educacionais. A principal dificuldade é equilibrar ambas as atividades, que são necessárias, mas demandam esforços de conciliação (Oliveira, et al. 2020). Esses desafios financeiros se entrelaçam com as dificuldades acadêmicas e institucionais que os trabalhadores-estudantes enfrentam, criando um ciclo de obstáculos que impacta diretamente sua trajetória na educação superior.

Portanto, compreender e abordar as dificuldades específicas enfrentadas pelo trabalhador-estudante no contexto do ensino superior torna-se imperativo para promover uma educação mais inclusiva e equitativa. No âmbito da democratização do ensino superior, é essencial garantir acesso e permanência de qualidade para todos os estudantes, como destacado por Dias Sobrinho (2010). Isso vai além da simples expansão quantitativa do acesso, englobando também a oferta de condições adequadas para que os estudantes realizem seus estudos com qualidade.

A análise de Arroyo (2010) destaca que corrigir essas disparidades é essencial para todas as políticas educacionais. Ele ressalta que a persistência dessas desigualdades representa um desafio significativo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, afirmando que essa correção é fundamental para a promoção da democracia, da justiça e da equidade em todas as esferas da vida.

Segundo Vargas e Paula (2013), o sistema de ensino superior federal brasileiro prioriza estudantes em tempo integral, negligenciando os que trabalham e estudam simultaneamente. Cursos renomados geralmente não têm opções noturnas, e os oferecidos à noite muitas vezes não atendem às necessidades desse público. Apesar dos princípios democráticos, as instituições ainda não enfrentam efetivamente a realidade dos trabalhadores-estudantes.

Além disso, Pires (2021), identificou a frequência de participação desses trabalhadores-estudantes nas atividades de ensino, pesquisa e extensão dos cursos noturnos, constatando uma participação mínima dos alunos pesquisados nessas atividades. Nesse contexto, observou-se que a maioria dos alunos do período noturno raramente realiza atividades acadêmicas fora do horário de aula, sugerindo que esses alunos não têm condições de participar de atividades acadêmicas além da sala de aula.

2.2 Desafios acadêmicos e institucionais dos trabalhadores-estudantes

Segundo o estudo de Pires (2021), as circunstâncias enfrentadas por esses estudantes em relação à participação nas atividades acadêmicas disponíveis, destacaram muitos desafios. Estes incluem fadiga, escassez de tempo e o desafio da dupla jornada de trabalho e estudo enfrentado pelos alunos do turno noturno.

Para Mesquita (2010), a escassez de recursos financeiros é um dos principais obstáculos no processo de formação dos estudantes que também trabalham, resultando em uma restrição significativa de tempo para se dedicarem aos estudos. Este tempo é essencial para que esses indivíduos possam se capacitar e se profissionalizar em um curso de qualidade, rompendo com eficácia o ciclo de deficiências educacionais observado nos resultados comparativos do Brasil com outros países em estágios de desenvolvimento e desenvolvidos.

Um dos principais problemas enfrentados pelos trabalhadores-estudantes é a dificuldade de conciliar as exigências do trabalho e os compromissos acadêmicos. Isso muitas vezes resulta em mais elevados índices de evasão e falta de engajamento nas atividades universitárias (Bittar; Ortega, 2016). Além disso, as políticas e práticas existentes muitas vezes não levam em consideração as necessidades específicas desse grupo, o que contribui para a reprodução de desigualdades sociais e educacionais.

O ingresso no ensino superior é visto como uma grande conquista por estudantes de famílias de baixa renda, mas garantir sua permanência até a conclusão do curso é igualmente crucial. Muitos enfrentam dificuldades financeiras, contando com modesto apoio familiar. Além disso, cerca de metade desses estudantes, especialmente os que vêm de outras cidades ou estados, arca com despesas adicionais por não residirem com suas famílias. Nesses casos, é comum morar em repúblicas estudantis, com parentes ou compartilhar moradia com colegas. O papel dos colegas, que muitas vezes superam barreiras socioeconômicas, é vital, oferecendo suporte tanto material quanto simbólico, e merece uma análise mais aprofundada (Zago, 2006).

Vasconcelos (2010), destaca a importância da democratização do ensino superior, que deve se concentrar não apenas em ações que promovam o acesso à universidade pública gratuita, mas também na implementação de mecanismos que garantam a permanência dos estudantes. Essa abordagem é fundamental para mitigar os efeitos das desigualdades enfrentadas por um grupo crescente de estudantes provenientes de segmentos sociais cada vez mais vulneráveis.

A pesquisa de Pereira (2016) traz à luz dificuldades institucionais que surgem perante ao trabalhador-estudante:

Em muitos casos, o estudante que frequenta cursos noturnos enfrenta problemas com a infraestrutura educacional, como os horários de funcionamento das bibliotecas, dos restaurantes universitários e de órgãos administrativos e secretarias de departamentos, geralmente incompatíveis com o de chegada deste estudante à instituição, além da diminuição das possibilidades de inserção em atividades de pesquisa/extensão (Pereira, 2016, p. 25).

Isso é reforçado por Terribili Filho (2007), ao mencionar que os horários de saída das instituições de ensino, especialmente à noite, muitas vezes não coincidem com os horários dos transportes públicos. Além disso, a redução de frotas neste período resulta em longas esperas para os estudantes.

O Brasil apresenta condições alarmantes de acesso à educação superior, com apenas 13,8% dos jovens entre 18 e 24 anos matriculados em cursos superiores. As condições socioeconômicas da população são fatores determinantes para esse cenário, uma vez que a maioria dos estudantes provém dos 4º e 5º quintos mais ricos da sociedade (Costa, 2010). Essa desigualdade também se reflete nas dificuldades de permanência, pois muitos jovens de baixa renda enfrentam obstáculos significativos para concluir seus cursos.

2.3 Impacto da configuração universitária no desempenho acadêmico do trabalhador-estudante

Os trabalhadores-estudantes enfrentam uma série de desafios que impactam significativamente seu desempenho acadêmico. Esses desafios são amplamente influenciados pela configuração das instituições de ensino superior, que muitas vezes não consideram as realidades específicas desse grupo. Em um cenário onde a conciliação entre trabalho e estudo é essencial, há casos apontados por Terribili Filho (2007) em que o estudante, assumindo o papel de trabalhador, deixa de almoçar para realizar atividades de pesquisa e trabalhos acadêmicos no horário destinado à refeição. Muitos estudantes têm horários de saída do trabalho que não se compatibilizam com o tempo disponível para se deslocar até a instituição de ensino; outros enfrentam dificuldades para deixar o ambiente de trabalho no horário pré-estabelecido, devido ao acúmulo de atividades profissionais e à concentração de tarefas em determinados períodos do mês.

Maranhão e Veras (2017), confirmaram tais desafios em estudo na Universidade Federal da Bahia, onde ficou evidenciado a incoerência dos horários de funcionamento das secretarias, colegiados e das aulas. Visto que tais horários não contemplam os estudantes noturnos, e que, muitas vezes, o estudante precisa ir à secretaria resolver um problema, sob pena de prejudicar seu direito de assistir a aula.

Além disso, Terribili Filho (2007) destaca que o estudante se queixa dos horários de disponibilidade da infraestrutura da instituição em seu dia a dia, como a biblioteca e os laboratórios. Além disso, ele enfrenta em sala de aula professores pouco compreensivos em relação à sua realidade cotidiana, professores que não estimulam muito seus alunos, utilizando principalmente aulas expositivas mal contextualizadas e pouco interativas, desvinculando os conceitos e teorias abordados em sala de aula da experiência profissional do estudante. Isso resulta no desinteresse pelo tema e impacta negativamente em sua aprendizagem.

O aluno que trabalha acaba enfrentando uma divisão de seu tempo como estudante, mas existe um intervalo que permite descansar ou realizar outra atividade programada. No entanto, a situação do trabalhador-estudante é diferente; o imprevisto não é o trabalho, mas sim os estudos, que frequentemente são vistos como uma contingência (Oliveira et al., 2020).

A relação das principais dificuldades acadêmicas enfrentadas ao longo do percurso acadêmico está evidente, segundo Pereira (2016). Os estudantes que responderam ao questionário mencionaram o baixo desempenho acadêmico como uma dificuldade enfrentada durante o curso de graduação. Esse baixo desempenho acadêmico está diretamente relacionado à frequência de estudos, visto que apenas um dos estudantes entrevistados mencionou estudar mais de duas horas por dia.

A performance acadêmica dos alunos, por sua vez, pode impactar indiretamente a evasão de duas maneiras: primeiro, porque o regimento interno de cada instituição de ensino estabelece normas específicas para a manutenção do vínculo estudantil e, em alguns casos, o baixo desempenho pode levar ao desligamento do aluno por decisão administrativa dessas instituições, resultando na sua saída sem a conclusão do curso (Silva; Sampaio, 2022). Segundo Pereira (2016), para estudantes de baixa renda, conciliar trabalho e estudo não é apenas uma opção, mas muitas vezes a única maneira de garantir sua continuidade nos estudos. Por isso, esse autor ressalta que:

No caso dos estudantes de baixa renda, deixar de trabalhar para se dedicar aos estudos não se configura como uma escolha individual, pois, no contexto social destes indivíduos, prevalece a necessidade de manutenção da sua vida e de seus familiares. Assim, estudar e, simultaneamente, trabalhar representam a única alternativa possível de continuidade nos estudos (Pereira, 2016, p. 21).

Outro fator que prejudica a experiência acadêmica é o trajeto noturno entre a instituição de ensino superior e a residência é marcado por insegurança e violência, incluindo furtos, sequestros relâmpagos e homicídios, devido à baixa presença policial e iluminação pública deficiente (Terribili Filho, 2007).

A análise realizada por Toja (2023) revelou que o grupo de estudantes que abandonou o curso de Licenciatura em Matemática é majoritariamente composto por trabalhadores-estudantes, que frequentemente relatam dificuldades de aprendizagem devido a deficiências na formação escolar prévia. Os motivos mais comuns mencionados pelos participantes incluíram suas atividades profissionais, falta de motivação ou desinteresse pelo curso e dificuldades na relação entre ensino e aprendizagem, frequentemente manifestadas por repetidas reprovações. Essa realidade se manifesta também em minha própria experiência como discente trabalhador-estudante na universidade federal, que foi marcada por grandes desafios e um tempo de conclusão além do esperado. Principalmente pela falta de tempo para estudar e se aprofundar em temas e trabalhos propostos pelos docentes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa busca analisar os desafios enfrentados pelo trabalhador-estudante em uma universidade federal. Para tanto, caracteriza-se como um estudo descritivo de abordagem qualitativa empregando o método de estudo de caso.

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa incluem a escolha adequada de métodos e teorias pertinentes e o reconhecimento e a análise de diferentes perspectivas. Além disso, aborda a significativa reflexão dos pesquisadores sobre sua pesquisa, como parte do processo de produção de conhecimento e a validação das abordagens e métodos utilizados (Flick, 2004).

A pesquisa é de caráter descritivo, pois visa detalhar e explicar fatos e fenômenos observados (Gil, 2008). Além disso, pretende proporcionar uma compreensão aprofundada das características e dinâmicas envolvidas, utilizando o preceito do estudo de caso dos trabalhadores-estudantes, sendo útil para entender o mundo analisado de forma objetiva e detalhada.

Para Stake (2009), espera-se com o método de estudo de caso conseguir captar a complexidade de uma situação única. Ainda segundo o autor, uma folha ou até mesmo um simples palito possuem complexidades próprias, mas raramente nos dedicamos a submetê-los a um estudo de caso. Estudamos um caso quando ele tem um interesse muito especial e, então, buscamos detalhes da interação com seus contextos (Stake, 2009).

O estudo de caso em questão é a análise da particularidade e complexidade de um único caso: os desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes de uma universidade federal. Com isso, busca-se compreender sua atividade dentro de circunstâncias importantes, dada a conveniência de este pesquisador ser um trabalhador-estudante da universidade pesquisada.

Para apreender a complexidade do caso em questão, não abrindo mão das particularidades, o método será aplicado com base em uma adaptação da técnica metodológica dos itinerários proposta por Desjeux, Suarez e Campos (2014). Esta é uma abordagem metodológica que visa obter dados qualitativos, permitindo uma análise detalhada dos padrões e variações nas experiências dos indivíduos a partir da observação de normas sociais e culturais em projetos de campo mais curtos. “Apesar de sua distinção da etnografia, o método adota alguns de seus recursos, tais como entrevistas em profundidade, observação, a catalogação de objetos, em uma perspectiva indutiva” (Desjeux; Suarez; Campos, 2014, p. 79).

Logo, seguindo a proposta metodológica dos itinerários este estudo de caso irá utilizar e triangular três diferentes técnicas de coleta de dados: relato autobiográfico do itinerário de vida, grupo focal e pesquisa documental. O estudo de caso, assim, consegue abarcar três momentos de investigação distintos para alcançar o objetivo desta pesquisa.

A coleta dos relatos autobiográficos é importante, principalmente, para responder o objetivo “a”, de descrever como a configuração universitária do Ensino Superior noturno se relaciona com as rotinas do trabalhador-estudante, mas também para trazer insights para os objetivos “b” e “c”. Essa etapa da coleta destes relatos foi realizada com a participação de 105 estudantes da universidade pesquisada, que submeteram suas respostas via *Google Forms*, conforme o instrumento de coleta apresentado no Apêndice A. Tal pesquisa foi realizada entre os dias 09 de setembro e 03 de outubro de 2024, onde os alunos foram convidados via e-mail e mensagens no aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Dentre os respondentes, 88 se identificaram como trabalhadores-estudantes, enquanto 17 afirmaram não se enquadrar nessa categoria, não fazendo parte da coleta deste estudo. O grupo de 88 respondentes que fez parte do público desta pesquisa foi denominado de Trabalhador-Estudante 1 até 88. Suas idades variam de 19 a 66 anos, é composto por 50 estudantes de Administração, 14 de Gestão Pública, 9 de Ciências Econômicas, 7 de Direito, 3 de Administração Pública (EAD), 3 de Relações Internacionais e 2 de Mestrado em Administração. Essa distribuição diversificada de respondentes fornece uma base sólida para analisar as diferentes experiências e desafios enfrentados pelos estudantes que conciliam trabalho e estudo no Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa.

Além disso, a coleta de dados dos itinerários através de formulários são menos invasivos, facilitando o acesso a grupos marginalizados ou fenômenos difíceis de observar, reduzindo a necessidade de tempo e esforço para construir confiança entre pesquisador e participantes, ao contrário das entrevistas ou observações diretas. Assim, o objetivo desta etapa do estudo de caso de investigação dos itinerários é entender tanto as práticas cotidianas quanto as percepções e representações relacionadas aos desafios enfrentados pela configuração da universidade perante aos trabalhadores-estudantes, fornecendo uma análise social-simbólica abrangente (Desjeux; Suarez; Campos, 2014).

Depois da coleta dos relatos, aplicou-se um grupo focal com 5 voluntários alvos de nossa pesquisa para identificar as percepções e sentimentos sob os desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes para usufruir de políticas universitárias no Ensino Superior, bem como seu impacto no desempenho acadêmico, objetivos específicos “b” e “c” respectivamente. Tais

alunos demonstraram interesse em participar desta etapa da pesquisa após a submissão do seu relato de itinerário. Logo após, foram contatados via e-mail marcando local e horário, ocorrendo o grupo focal no dia 17 de outubro de 2024. Ele teve a duração de 1h30min, e o grupo foi composto por 3 mulheres e 2 homens de idades entre 22 a 34 anos. Mais informações sobre os mesmos no Quadro 2.

Quadro 2 - Caracterização dos trabalhadores-estudantes do grupo focal

Trabalhador-Estudante	Idade	Divide residência:	Tempo como Trabalhador-Estudante
Trabalhador-estudante 106	26 anos	Sim	9 anos
Trabalhadora-estudante 107	22 anos	Sim	4 anos
Trabalhadora-estudante 108	25 anos	Sim	8 anos
Trabalhador-estudante 109	25 anos	Sim	7 anos
Trabalhadora-estudante 110	34 anos	Sim	4,5 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O grupo focal é uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio de interação em grupo sobre um tópico determinado pelo pesquisador, sendo, neste estudo, os desafios enfrentados pelo trabalhador-estudante. Esta definição tem três componentes essenciais. Primeiramente, Morgan (1996), afirma claramente que os grupos focais são um método de pesquisa dedicado à coleta de dados. Em segundo lugar, ele localiza a interação em uma discussão em grupo como a fonte dos dados. Em terceiro lugar, reconhece o papel ativo do pesquisador na criação da discussão em grupo para fins de coleta de dados. O instrumento de coleta do grupo foi um roteiro com perguntas abertas. O mesmo consta no Apêndice B.

Por fim, com a pesquisa documental, buscou-se apurar mais dados para o objetivo específico “c”, os impactos desses desafios no desempenho acadêmico do trabalhador-estudante. Segundo Cellard (2008), o documento é uma fonte extremamente preciosa e insubstituível para qualquer pesquisador em ciências sociais, especialmente em situações onde representa os únicos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Alguns dos documentos analisados nessa pesquisa foram acessados no site da Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Assistência Estudantil, a PRODAE, e outros dos Relatórios do aproveitamento pedagógico dos Cursos Presenciais do Campus Livramento foram obtidos através do Núcleo de Desenvolvimento Educacional, o NUDE, estes que são órgãos da Universidade Federal do Pampa. Além de transmitir informações ao longo do tempo, os documentos permitem o dimensionamento temporal para a compreensão social, possibilitando o uso de cortes longitudinais. Eles também podem reduzir a influência da presença ou intervenção do pesquisador, funcionando como uma fonte de informação unidirecional que não é afetada pelo controle do agente.

Como técnica de análise de dados, utilizou-se a triangulação de dados. Segundo Tuzzo e Braga (2016), na área das Ciências Sociais, esta metodologia analítica tem evoluído para incorporar o conceito de multimétodos, abandonando a busca exclusiva por resultados unidimensionais. A ideia de triangulação se destaca, assim, promovendo uma abordagem que integra múltiplos pontos de vista e abordagens complementares, muitas vezes ancoradas no aspecto qualitativo da pesquisa. Essa metodologia foi ideal para este trabalho, pois permitiu a combinação de diferentes fontes de dados, como relatos autobiográficos, grupos focais e pesquisas documentais, oferecendo uma visão mais abrangente e rica sobre a realidade dos trabalhadores-estudantes. Essa abordagem integrada foi essencial para entender as

complexidades e nuances da experiência acadêmica e profissional desse grupo, que enfrenta desafios específicos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados coletados neste primeiro momento da pesquisa baseia-se nos relatos autobiográficos de 105 estudantes da universidade, dos quais 88 se declararam trabalhadores-estudantes. Esses estudantes descreveram suas rotinas diárias e os desafios enfrentados na conciliação entre trabalho e estudo. As perguntas abordaram aspectos essenciais de suas atividades matinais, a dinâmica da tarde durante o trabalho ou os estudos, e as rotinas noturnas, revelando como gerenciam o tempo entre responsabilidades pessoais, deslocamentos e demandas acadêmicas. Além disso, a pesquisa documental e o grupo focal, que também foram instrumentos de coletas de dados, vão complementar esses dados, e serão correlacionados através da triangulação de dados.

4.1 Itinerários dos trabalhadores-estudantes do Campus Santana do Livramento

Os trabalhadores-estudantes do Campus Santana do Livramento enfrentam a complexa tarefa de conciliar suas obrigações acadêmicas e profissionais em uma rotina que se estende por diversos horários ao longo do dia. Cada período do dia traz consigo desafios únicos e a necessidade de um gerenciamento eficaz do tempo. A análise dos itinerários diários, que incluem as rotinas matutinas, vespertinas e noturnas, revela como esses estudantes organizam suas atividades, desde o despertar até o retorno para casa após as aulas. Este segmento busca explorar as particularidades de cada faixa horária, destacando as responsabilidades no trabalho, as atividades acadêmicas e os momentos de pausa, além de discutir as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos na busca por um equilíbrio saudável entre trabalho e estudo. Compreender esses itinerários é fundamental para identificar as implicações que essa dinâmica tem sobre a saúde mental, o desempenho acadêmico e a qualidade de vida dos trabalhadores-estudantes.

4.1.1 Itinerários matutinos dos trabalhadores-estudantes

Os trabalhadores-estudantes que têm aulas no período diurno geralmente começam suas manhãs com uma rotina organizada e dinâmica. Em sua maioria, acordam cedo, por volta das 6h às 7h, realizam tarefas pessoais como tomar banho, preparar o café da manhã, e, em alguns casos, cuidar de responsabilidades familiares antes de seguir para a universidade. Para esses estudantes, o período da manhã é dedicado principalmente às aulas, que costumam iniciar entre 8h e 9h. Muitos relatam que utilizam o tempo de deslocamento para se preparar mentalmente para o dia acadêmico, enquanto outros aproveitam para revisar materiais ou adiantar leituras acadêmicas. A rotina matinal é frequentemente influenciada pela logística de transporte, seja utilizando transporte público, caronas ou veículos próprios, o que pode adicionar desafios em dias de chuva ou com atrasos no transporte.

Um exemplo que demonstra como esses estudantes utilizam as manhãs para equilibrar trabalho e estudo é o relato do trabalhador-estudante 106 do Grupo Focal que tem flexibilidade com o home office: "Realizo tarefas administrativas da empresa conciliando com as leituras da pós-graduação. As atividades do mestrado, agora geralmente são na parte da tarde. Uso parte da manhã para trabalhar e estudar, como consigo ficar home office" (Trabalhador-estudante 106).

Já os trabalhadores-estudantes que têm aulas no período noturno geralmente iniciam suas manhãs dedicando-se ao trabalho. Acordam entre 5h e 7h, dependendo da demanda de deslocamento até o local de trabalho, e seguem diretamente para suas atividades profissionais.

Suas manhãs costumam ser marcadas por uma agenda bastante cheia, alternando entre o cumprimento de tarefas no ambiente de trabalho e, em alguns casos, a realização de atividades domésticas ou cuidados com a família. Esses estudantes raramente têm tempo para focar em atividades acadêmicas pela manhã, uma vez que grande parte do seu foco está voltado para o trabalho. Muitos expressam dificuldades em equilibrar as responsabilidades matinais com o estudo, mencionando que o cansaço acumulado ao longo do dia impacta seu desempenho nas aulas noturnas.

Conforme ilustrado no relato dos Itinerários a seguir, a realidade de quem estuda à noite pode ser mais severa: "Acordo às 06h30, tomo café da manhã em casa e vou para o trabalho" (Trabalhador-estudante 6). Essa vivência é corroborada por outro trabalhador-estudante: "Normalmente acordo por volta das 07:30h, tomo café e vou direto pro trabalho, levo em torno de 30 min de deslocamento, entro às 9h" (Trabalhador-estudante 8). Esses relatos evidenciam uma manhã dedicada ao trabalho, sem muito espaço para atividades acadêmicas, com foco nos estudos apenas no turno da noite.

A trabalhadora-estudante do Grupo Focal exemplifica como reorganizou sua rotina matinal para conciliar estudo e trabalho, mesmo com mudanças no horário profissional:

Agora eu mudei, estou no mesmo emprego, mas mudou o horário de novo. Eu entro às 11 da manhã e saio às 6 horas da tarde. Ficou apertadinho para vir para Unipampa, mas está dando certo. E aí as atividades eu faço de manhã cedo, a hora que eu acordo e até TCC também estou fazendo esse horário das 7:30 às 10:30 é o que eu tenho para fazer também. Chegou o ponto que eu quase desisti (Trabalhadora-estudante 107).

Esse depoimento ilustra não apenas a adaptação necessária à rotina, mas também os desafios emocionais enfrentados durante o processo. O que fica constatado nos altos índices de reprovação constatados na Pesquisa Documental, dos alunos do curso noturno de administração, o curso que a trabalhadora-estudante faz parte. Índices esses que chegam a mais de 80% em determinada disciplina.

4.1.2 Itinerários vespertinos dos trabalhadores-estudantes

Durante o período da tarde, os trabalhadores-estudantes que têm aulas no turno diurno geralmente se dedicam ao trabalho. Após finalizarem suas aulas matutinas, muitos desses estudantes seguem diretamente para seus empregos, com horários que normalmente começam entre 13h e 14h. Suas atividades profissionais variam, mas frequentemente envolvem tarefas administrativas, atendimento ao público, ou outros tipos de funções em empresas. O intervalo para o almoço é curto e muitas vezes aproveitado para reorganizar suas tarefas ou se deslocar até o local de trabalho. Para esse grupo, a tarde é predominantemente dedicada ao cumprimento de suas responsabilidades profissionais, utilizando as habilidades e o tempo disponíveis para equilibrar as demandas do trabalho e a preparação para as atividades acadêmicas do dia seguinte, conforme relata o trabalhador-estudante 94:

À tarde saio do trabalho e vou em casa pegar meus filhos para levar na escolinha, esse tempo é curto, faço tudo à pressa. Deixo eles na escola e volto para a universidade para ir ao mestrado. Faço esses deslocamentos em veículo próprio e entre idas e vindas levo uns 45min. A partir das 14hs até as 18hs tenho aula, eventualmente faço alguma atividade laboral que tenha urgência, pelo computador, dentro desse período. Faço um lanche rápido e tomo café, chimarrão [...] (Trabalhador-estudante 94).

Os trabalhadores-estudantes que frequentam aulas no turno noturno tipicamente utilizam a tarde para continuar suas jornadas de trabalho, que geralmente começam pela manhã e se estendem até o final do expediente, por volta de 17h ou 18h. Para muitos, esse período é

marcado pela execução de tarefas que demandam grande foco e esforço, como atendimento ao cliente, atividades administrativas ou outras responsabilidades profissionais que exigem dedicação contínua. O intervalo para o almoço é frequentemente aproveitado para resolver questões pessoais ou adiantar estudos, embora a prioridade seja o trabalho. A tarde é, portanto, uma fase de preparação intensiva para os compromissos do dia, e muitas vezes é marcada pelo cansaço acumulado que impacta o rendimento acadêmico durante as aulas noturnas.

4.1.3 Itinerários noturnos dos trabalhadores-estudantes

Após um dia repleto de atividades, os trabalhadores-estudantes que têm aulas no turno diurno geralmente enfrentam uma rotina noturna dedicada ao descanso e às obrigações pessoais. Ao chegarem em casa, muitos se ocupam com tarefas domésticas, como preparar o jantar, ajudar os filhos com o dever de casa e organizar a casa para o dia seguinte. O tempo para estudar é frequentemente limitado, e muitos relatam que a exaustão acumulada durante o dia impacta sua capacidade de se concentrar nas atividades acadêmicas. Como resultado, a maior parte do aprendizado ocorre nos finais de semana, quando conseguem se dedicar mais aos estudos. Para esses estudantes, o desafio reside em equilibrar as demandas do trabalho, as responsabilidades familiares e a necessidade de descanso, tornando essencial um gerenciamento eficiente do tempo.

Já os trabalhadores-estudantes que frequentam aulas pela noite têm uma rotina noturna que é marcada pela transição direta do trabalho para a universidade. Após um dia de trabalho, que muitas vezes se estende até o final da tarde, esses estudantes se preparam para as aulas, que geralmente começam à noite. O relato do trabalhador-estudante 70 é esclarecedor: “Entro no trabalho às 14:00 e saio às 18:00, a aula começa às 18:50, levando em conta os 15 min para chegar em casa [...] costumo atrasar e chegar na aula às 19:00 pois levo uns 10 min para chegar na faculdade.”. Demonstrando uma barreira por fisicamente intransponível pelo trabalhador-estudante, o tempo. A trabalhadora-estudante 95, oriunda de um curso noturno relata: “Como principal desafio tenho o cansaço físico e emocional, mesmo que trabalhe sentada, a mente cansa, às vezes leio três vezes o mesmo texto e não consigo entender nada do que li”, confirmando o impacto emocional e físico de conciliar trabalho e estudo.

Ao chegarem em casa após as aulas, eles enfrentam o desafio de conciliar as atividades acadêmicas com as responsabilidades familiares, como cuidar dos filhos e realizar tarefas domésticas. O trabalhador-estudante 82, conta: “Chegando de aula, faço um pouco mais da rotina da casa, se tem trabalho da faculdade para entregar eu fico até às 1:30 ou 2:00 horas da madrugada, para depois tomar um banho e ir deitar”. A falta de tempo é uma constante, e muitos relatam dificuldade em encontrar momentos para lazer ou estudo, uma vez que o cansaço acumulado e as demandas diárias pesam sobre sua capacidade de concentração.

A rotina da trabalhadora-estudante 9 revela os desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes ao conciliar suas responsabilidades, refletindo as dificuldades identificadas por Oliveira et al. (2020). Ela menciona que, após um dia exaustivo de trabalho, seu horário de chegada à universidade é impactado pela dependência de transporte, resultando em atrasos e perda de aulas. Como ela mesma relata:

Saio às 19h do trabalho diretamente para a faculdade. As dificuldades são por conta do meu horário de chegada à Unipampa, pois trabalho longe e dependo da van fornecida pela empresa para locomoção, tal qual diversas vezes atrasa por algum motivo e acaba impactando meu horário de chegada na aula e na presença. (Trabalhadora-estudante 9).

A questão da flexibilidade no horário de transporte também foi abordada durante o grupo focal. A trabalhadora-estudante 110 mencionou as dificuldades em planejar sua chegada

em casa após aulas devido à falta de previsibilidade nos horários dos ônibus: “[...] a gente precisa saber a hora de saída para gente cobrar de ter um ônibus que passa naquele período [...] tem alguns professores, que fazem chamada pós horário dos ônibus. Assim, os ônibus saem às 22 horas, eles dão a chamada às 22:15.” Esse relato destaca a importância de uma abordagem mais flexível nos horários acadêmicos e de transporte, elementos cruciais para a superação das barreiras enfrentadas por trabalhadores-estudantes. A falta de coordenação entre os horários das aulas, dos ônibus e o tempo necessário para que esses estudantes cumpram suas responsabilidades acadêmicas e profissionais evidencia a necessidade urgente de ajustes institucionais que considerem as especificidades dessa realidade.

Iniciando suas atividades às 7h e estendendo-se até tarde da noite, a trabalhadora-estudante 36 reflete a intensa carga horária enfrentada por muitos trabalhadores-estudantes. Ela menciona que: “nos dias úteis da semana, a única coisa que faço é ir para o trabalho e ir para a universidade”, evidenciando como sua vida é dominada por essas obrigações. Essa situação é corroborada por Terribili Filho (2007), que destaca que a conciliação entre trabalho e estudo pode levar a uma sobrecarga de atividades, resultando em "longas esperas" e dificuldades de acesso aos recursos acadêmicos. A pressão para gerenciar a rotina diária, como exemplificado pela aluna que dedica seu intervalo do trabalho para realizar tarefas domésticas, ilustra a sobrecarga que este grupo enfrenta, um reflexo das lacunas nas políticas educacionais que não atendem adequadamente às necessidades desses estudantes (Vasconcelos, 2010). Isso demonstra a necessidade urgente de abordagens institucionais que reconheçam as dificuldades únicas enfrentadas por trabalhadores-estudantes e promovam um ambiente que possibilite um melhor equilíbrio entre trabalho, estudos e vida pessoal.

O relato do trabalhador-estudante 81, que menciona que: “mesmo o horário não sendo muito apertado, é sumamente complicado prestar atenção sem um chimarrão que me acompanhe”, refletindo a complexidade da rotina do aluno que trabalha. A exaustão física e mental mencionada, especialmente em aulas teóricas que carecem de estímulos visuais, alinha-se com a análise de Pereira (2016), que destaca os desafios de tempo e concentração enfrentados por essa categoria. A dificuldade em manter a atenção sem recursos audiovisuais ressalta a necessidade de abordagens pedagógicas mais inclusivas e engajadoras para apoiar efetivamente os trabalhadores-estudantes em sua jornada acadêmica.

4.2 Desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes para usufruir de políticas universitárias

A análise dos dados coletados por meio do grupo focal revelou uma série de desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes ao tentarem acessar e usufruir das políticas universitárias de permanência. O principal desafio apontado pelos participantes do Grupo Focal foi a dificuldade em conciliar os horários acadêmicos com suas jornadas de trabalho. Muitos trabalhadores-estudantes relataram que as aulas, atividades complementares e eventos universitários ocorrem em horários que coincidem com seus turnos de trabalho, impedindo sua participação.

Um dos participantes do grupo focal relata que: “O meu horário de trabalho é até às 18h, e muitas aulas práticas começam exatamente nesse horário” (Trabalhadora-estudante 108). Isso reflete a estrutura rígida das universidades, que muitas vezes não consideram a realidade dos trabalhadores-estudantes. Conforme analisado pela pesquisa documental no Edital nº 56/2017, que exige matrícula em 20 créditos semanais, essa rigidez dificulta a adesão desse perfil de estudante, corroborando a afirmação de Vasconcelos (2010) que fala que a instituição deve focar não apenas em ações que facilitem o acesso à universidade pública gratuita, mas também na criação de mecanismos que assegurem a permanência dos estudantes.

Outro obstáculo significativo, tanto nos relatos do grupo focal quanto na pesquisa documental, foi o acesso limitado às políticas de permanência. Os trabalhadores-estudantes relataram dificuldades em cumprir os prazos para entrega de documentos e em acessar informações sobre programas de auxílio. Como uma participante do Grupo Focal apontou: “Eu nem sabia que poderia solicitar auxílio até que fosse tarde demais” (Trabalhadora-estudante 107). A pesquisa documental corrobora essa percepção, como evidenciado no Edital nº 213/2020, que destaca a complexidade dos procedimentos de inscrição para benefícios e monitorias, desestimulando aqueles que têm tempo limitado. Dias Sobrinho (2010) já havia alertado sobre a importância de garantir que os trabalhadores-estudantes tenham acesso fácil às informações sobre as políticas de permanência.

Conforme relato da trabalhadora-estudante 108, o curso noturno recebe pouca ou nenhuma divulgação das atividades de pesquisa: “Acredito que para o pessoal da noite assim, eu acho que não era muito divulgado, a iniciação científica”. Tal afirmação foi corroborada por outro participante: “[...] essa questão da informação não chegar, realmente ela não chega completa, para o noturno [...]”. E, quando questionados sobre o que achavam que faltaria para, de fato, a informação chegar, eles responderam: “Talvez os grupos de estudo ou de pesquisa sejam ofertados em outros horários, isso influencia muito porque dá uma oportunidade, né? Para quem está estudando à noite, vamos dizer assim, uns períodos para aquilo”. Com o fato exposto o grupo focal formulou a resposta rapidamente, ideia essa que com certeza amenizaria tal processo de precarização do estudo do trabalhador-estudante.

A partir do relato dos itinerários do trabalhador-estudante 52, do curso de Direito, fica evidente o impacto da configuração universitária nas dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores-estudantes, também em cursos com carga horária integral. O estudante menciona a inflexibilidade da jornada laboral, que coincide com os horários das aulas, e a dificuldade em conciliar essas demandas, um desafio corroborado por Pires (2021), que discute como a estrutura curricular e os horários das disciplinas podem excluir aqueles que dependem de um emprego para sua sobrevivência. Além disso, o estudante aponta para uma questão social relevante: "Apenas os que têm condição financeira boa e os que são providos pelo Estado têm a possibilidade de concluir o curso". Isso destaca como a configuração do curso de Direito, com aulas em horários fixos e a falta de alternativas para a flexibilização, cria um cenário de desigualdade, onde somente os estudantes com melhores condições financeiras conseguem se graduar. Assim, o relato evidencia a necessidade de uma reflexão sobre a estrutura curricular e os horários das aulas, de modo a promover uma maior inclusão e equidade para os trabalhadores-estudantes.

A descrição do aluno sobre a dificuldade em concluir o curso destaca uma realidade comum entre trabalhadores-estudantes: a inflexibilidade dos horários acadêmicos e a incompatibilidade com a carga horária de trabalho. Essa situação é corroborada por Vargas e Paula (2013), que apontam que o sistema de ensino superior brasileiro prioriza estudantes em tempo integral, muitas vezes ignorando as necessidades dos que conciliam trabalho e estudo.

Os relatos do grupo focal também destacam as dificuldades financeiras enfrentadas pelos trabalhadores-estudantes. Muitos mencionaram que o auxílio financeiro recebido é insuficiente para cobrir os custos diários, especialmente com alimentação e transporte. Um estudante relatou: “O auxílio que recebo não dá nem para pagar metade do que gasto com transporte e alimentação” (Trabalhador-estudante 109). Esse problema é amplificado pela logística complexa de deslocamento entre trabalho e universidade, resultando em maior cansaço e menos tempo para estudar. O Edital nº 15/2022, que oferece o Auxílio Creche, demonstra a limitação de benefícios que atendem apenas a situações específicas, deixando de fora uma gama maior de necessidades dos trabalhadores-estudantes. Os benefícios precisam ser ampliados e adaptados às realidades dos estudantes que trabalham, levando em conta suas diversas necessidades.

Além disso, muitos trabalhadores-estudantes relataram que o suporte financeiro oferecido por programas como o auxílio-alimentação e moradia estudantil é insuficiente para cobrir os custos reais. Embora os valores oferecidos possam ser adequados para estudantes que não trabalham, eles são insuficientes para trabalhadores-estudantes, que precisam arcar com despesas maiores, como transporte e alimentação para longas jornadas. Dias Sobrinho (2010) já havia alertado que as políticas de permanência não levam em consideração as diferenças entre os perfis socioeconômicos dos estudantes, especialmente dos que precisam trabalhar.

O restaurante universitário em Sant'Ana do Livramento, que talvez seja a maior batalha e conquista dos alunos do campus, também foi um dos assuntos do grupo focal e, através das falas sobre ele conseguimos encontrar muitas mazelas enfrentadas pelos trabalhadores-estudantes:

Já se sabe que para estudar melhor, prestar mais atenção, aprender mais, é necessário ter uma alimentação boa, né? Balanceada. Eu acho que o R.U. consegue dar essa qualidade de vida para os estudantes, não só os da cidade, né, mas para o pessoal de fora, porque é muito difícil se manter com R\$300,00. Difícil não é, é impossível. E com R\$90,00 também é impossível. Não faz rancho pra uma semana. (Trabalhador-estudante 109).

O valor de R\$300,00 é pago aos alunos que necessitam de moradia porém não conseguiram vaga na casa estudantil. O valor de R\$90,00 era o valor pago por aluno em vulnerabilidade alimentar antes da vinda do restaurante universitário. Podemos dizer que tais valores oferecidos a jovens que trazem suas vidas e cérebros para meio acadêmico da região é irrisório e não condiz com a realidade enfrentada. O exemplo do impacto positivo que uma política universitária pode trazer para os discentes é o da importância na manutenção da qualidade alimentar dos trabalhadores-estudantes: “Imagina todo mês e tu poder ter uma refeição por R\$4,00 por R\$8,00. No dia, uma refeição boa, proteína é caro, carboidratos toda fonte de energia que você precisa. Então acho que é maravilhoso.” O preço de cada refeição no R.U. está em R\$4,00 para os discentes do campus, o que democratizou o acesso a alimentação de qualidade aos estudantes do campus.

4.3 Impactos desses desafios no desempenho acadêmico do trabalhador-estudante

A partir dos dados obtidos no relatório de aproveitamento pedagógico dos cursos noturnos e diurnos do Campus Santana do Livramento, observa-se que os desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes têm um impacto significativo em seu desempenho acadêmico. Os cursos noturnos, que abrigam a maior parte dos trabalhadores-estudantes, apresentam índices de reprovação significativamente superiores aos dos cursos diurnos, especialmente em disciplinas consideradas de maior complexidade. Para demonstrar a discrepância entre os turnos, analisamos os cursos de administração diurno e noturno, visto que são os únicos que são ofertados em dois turnos.

Por exemplo, no curso de Administração Noturno, onde estão concentrados 77,27% dos trabalhadores-estudantes que responderam ao questionário dos itinerários, a disciplina de Fundamentos de Contabilidade registrou um índice de reprovação total de 51,7%, com 43,1% por frequência e 8,6% por nota (UNIPAMPA, 2023b). A evasão escolar pode ser indiretamente influenciada pela performance acadêmica dos alunos de duas formas. Primeiramente, as normas internas das instituições de ensino determinam critérios para a manutenção do vínculo estudantil; assim, um baixo desempenho pode resultar em desligamento administrativo, levando o aluno a abandonar o curso sem conclusão, conforme corroborado por Silva e Sampaio (2022).

Outro exemplo alarmante é o desempenho na disciplina Matemática Aplicada, com 84,1% de reprovação, sendo 65,9% por nota e 18,2% por frequência. Esses baixos índices de

desempenho evidenciam como a rotina de trabalho interfere diretamente no desempenho acadêmico desses estudantes, que muitas vezes chegam cansados às aulas, enfrentando dificuldades em acompanhar o conteúdo e manter a frequência exigida (UNIPAMPA, 2023b). Conforme afirmado por Pereira (2016), esse desempenho acadêmico insatisfatório está diretamente ligado à frequência de estudos, uma vez que apenas um dos alunos entrevistados relatou estudar mais de duas horas diárias. O trabalhador-estudante 106, no grupo focal, ainda destaca:

E tem muito professor que não tem essa rotina aqui. Que não trabalharam toda a graduação. Então eles não têm essa empatia. Eles acham que dá para trabalhar, estudar e ter um desempenho de 8, 9, 10, o que a gente sabe que não dá, que é impossível. O 6 é 10, todo mundo concorda com isso (Trabalhador-estudante 106).

Esse relato evidencia a desconexão entre a realidade dos trabalhadores-estudantes e a expectativa dos professores, que, muitas vezes, não compreendem as limitações dos estudantes que precisam equilibrar trabalho e estudos. Essa falta de empatia contribui para a sobrecarga e, em alguns casos, para o desânimo e a desistência do curso.

Em contraste, os cursos diurnos apresentam menores índices de reprovação, o que pode indicar que estudantes que não precisam conciliar trabalho integral com os estudos conseguem acompanhar melhor as disciplinas e manter uma presença mais regular nas aulas. Por exemplo, na disciplina Gestão de Marketing do curso de Administração Diurno, o índice de reprovação foi de 36% (UNIPAMPA, 2023b), mas sem uma participação tão significativa de faltas. Esse dado reforça a hipótese de que as condições de estudo mais flexíveis para os alunos diurnos lhes conferem uma vantagem em termos de desempenho acadêmico. Podemos analisar também a mesma disciplina anteriormente citada de Matemática Aplicada, que quando lecionada no turno diurno apresenta uma reprovação de 59,6% (UNIPAMPA, 2023a), ainda bem acima do esperado, porém palpavelmente abaixo dos 84,1% (UNIPAMPA, 2023b) da mesma disciplina aplicada ao noturno. O que nos faz considerar que, segundo Vargas e Paula (2013), o sistema de ensino superior federal brasileiro prioriza estudantes em tempo integral, negligenciando aqueles que trabalham e estudam simultaneamente.

Esses resultados também corroboram as discussões dos grupos focais, nos quais os participantes relataram exaustão e a dificuldade de conciliar a jornada de trabalho com a carga horária acadêmica. As exigências de permanência, como a matrícula em no mínimo 20 créditos semanais, tornam-se uma barreira significativa, levando alguns estudantes a não conseguirem cumprir com as exigências mínimas para manutenção de benefícios. Como relatado por um dos participantes: “Mesmo que eu queira cursar mais disciplinas, o tempo e o cansaço do trabalho me impedem. Eu acabo reprovando por falta, porque não consigo estar presente em todas as aulas” (Trabalhadora-estudante 110).

O quadro 3 representa a dura realidade que é enfrentada pelo trabalhador-estudante. Em 12 das 16 disciplinas analisadas do Curso de Administração no ano de 2023, o turno noturno tem os maiores índices de reprovação, justamente onde se encontram os maiores números de trabalhadores-estudantes, um total de 45 alunos dos 50 que relataram seus itinerários. Tal fato, que ficou claramente constatado através da pesquisa documental nos Relatórios de Acompanhamento Pedagógico do campus Sant’Ana do Livramento, explicita o abismo existente entre aluno que se dedica integralmente aos estudos, perante àqueles que tem como principal ofício o trabalho, logo, o trabalhador-estudante.

Essa situação é emblemática da precariedade que caracteriza a vida do trabalhador-estudante, onde a falta de tempo para estudar e a exaustão mental são recorrentes. Mesquita (2010) ressalta que a escassez de recursos financeiros e a necessidade de trabalhar em tempo integral dificultam a dedicação aos estudos, levando a um desempenho acadêmico inferior e, frequentemente, à evasão. A experiência da aluna ilustra como essas questões se entrelaçam,

evidenciando a urgência de políticas educacionais que reconheçam e atendam às especificidades desse grupo, proporcionando um ambiente acadêmico mais inclusivo e viável para a conclusão de seus cursos.

Quadro 3 – Comparativo das Taxas de Reprovação nas Disciplinas do 1º, 2º e 3º semestres do Curso de Administração: Períodos Diurno e Noturno (2023)

Disciplina	Diurno (% de reprovação)	Noturno (% de reprovação)	Diferença de reprovações entre Noturno-Diurno
1º Fundamentos de Administração	35,3	26,8	-8,5
1º Fundamentos de Contabilidade	41,5	51,7	10,2
1º Leitura e Produção Textual	40	36,4	-3,6
1º Fundamentos de Ciência Política	47,2	49,1	1,9
1º Matemática Aplicada	59,6	84,1	24,5
1º Estudos Sociais e Antropológicos	49,1	43,6	-5,5
2º Estrutura e Análise das Demonstrações Contábeis	24,2	35	10,8
2º Matemática Financeira	31,8	26,9	-4,9
2º Metodologia Científica	8,6	24,3	15,7
2º Teoria Geral da Administração I	0	10,3	10,3
2º Direito do Trabalho	11,4	41,3	29,9
3º Gestão de Custos	15,8	47,1	31,3
3º Teoria Geral de Administração II	29,6	57,6	28
3º Comportamento Organizacional	37	48,6	11,6
3º Microeconomia	24	62,9	38,9
3º Estatística	21,2	37,9	16,7

Fonte: elaborado pela autor com base no Relatório do aproveitamento pedagógico dos Cursos presenciais do Campus Livramento em 2023/1 e 2023/2.

Segundo o trabalhador-estudante 106 do grupo focal, um dos maiores impactos sofridos pelos estudantes que precisam trabalhar, trata-se da evasão no ensino superior:

O ponto que quase me fez desistir da faculdade de economia foi fazer 8:30h de trabalho [...] tarefas cansativas, não conseguia ter um bom desempenho [...], até eu ver que meu olho não parava de tremer, insônia, noites mal dormidas, ciclo vicioso de cansaço. Tive sorte que foi pouco tempo, tive que sair do trabalho e procurei um emprego mais flexível com meu pai, então foquei apenas no mestrado e tranquei o Curso de Economia (Trabalhador-estudante 106).

A experiência vivida pelo aluno reflete a falta de flexibilidade nos horários, que perpetua a exclusão desse grupo dentro do ambiente universitário, levando à frustração e, em muitos casos, à evasão acadêmica. Essa dificuldade em se adequar aos horários e a pressão para atender tanto às demandas profissionais quanto às acadêmicas muitas vezes levam à desmotivação e à sensação de impotência.

Portanto, os dados apresentados reforçam a necessidade de políticas de permanência que levem em consideração as especificidades dos trabalhadores-estudantes, oferecendo

alternativas como flexibilização da carga horária e maior suporte pedagógico, especialmente em disciplinas com maior índice de reprovação. É fundamental que as instituições de ensino adotem práticas que considerem a diversidade de perfis dos estudantes, promovendo um ambiente que favoreça a permanência e o sucesso acadêmico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral analisar como os trabalhadores-estudantes de uma universidade federal experienciam a configuração do Ensino Superior. Com base nos resultados da pesquisa, conclui-se que o objetivo foi alcançado, pois a pesquisa evidenciou que a estrutura e os horários das atividades acadêmicas não atendem integralmente às necessidades desses estudantes. A análise demonstrou que a realidade vivida pelos trabalhadores-estudantes é marcada por sobrecarga, falta de tempo para os estudos e ausência de suporte adequado por parte da instituição de ensino, comprometendo, assim, seu desempenho acadêmico.

Quanto ao objetivo específico “a”, que visava descrever como a configuração universitária do Ensino Superior se relaciona com as rotinas do trabalhador-estudante, os resultados mostraram que as exigências institucionais e os horários rígidos das aulas dificultam a conciliação entre trabalho e estudo. A estrutura institucional não é ajustada para acomodar as necessidades específicas desse grupo, evidenciando a incompatibilidade entre os horários de trabalho e os acadêmicos, o que afeta diretamente o desempenho e a permanência dos trabalhadores-estudantes no ambiente universitário, principalmente, do turno noturno.

Em relação ao objetivo específico “b”, que buscava identificar os desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes para usufruir de políticas universitárias no Ensino Superior, os dados indicaram que as políticas de permanência, como auxílios financeiros e apoio acadêmico, são insuficientes e inadequadas para esse perfil de aluno. Os trabalhadores-estudantes relataram dificuldades de acesso a esses recursos devido a horários incompatíveis e processos burocráticos complexos, resultando em uma utilização limitada dessas políticas, ficando ela relegada a somente os alunos que são muito carentes.

Para o objetivo específico “c”, que tinha como foco apresentar os impactos desses desafios no desempenho acadêmico do trabalhador-estudante, a pesquisa concluiu que as dificuldades enfrentadas influenciam negativamente a vida acadêmica desses alunos, com altos índices de reprovação e abandono dos cursos. A sobrecarga física e mental devido à necessidade de conciliar as demandas acadêmicas e profissionais leva ao cansaço, à baixa frequência em sala de aula e ao comprometimento da qualidade do aprendizado.

As principais limitações deste estudo foram o foco em um único campus de uma universidade federal e a utilização de uma abordagem qualitativa com uma amostra limitada. Isso restringe a generalização dos resultados, limitando a aplicação dos achados para outras universidades e regiões com características diferentes. Além disso, a falta de dados quantitativos impede uma análise estatística mais abrangente sobre o impacto dos desafios enfrentados.

Sugere-se, para estudos futuros, o uso de metodologias mistas que incluem dados quantitativos para quantificar os impactos desses desafios e estender a pesquisa a outras instituições de ensino superior em diferentes contextos regionais. Ainda, as investigações das políticas institucionais em universidades de outras regiões podem contribuir para uma compreensão mais ampla e fundamentar mudanças significativas no sistema educacional brasileiro em prol dos trabalhadores-estudantes. Recomenda-se uma mudança na postura administrativa do campus Sant’Ana do Livramento, visando uma atuação mais atenta e inclusiva, de forma que possa agregar o aluno que trabalha de forma efetiva na realidade acadêmica e universitária. Observou-se que a análise de dados coletados, essencial para a tomada de decisões, é pouco utilizada no campus, os dados de reprovações estão lá e são claros.

A administração do campus parece focada na manutenção do *status quo*, sem uma agenda voltada à melhoria contínua das políticas e práticas adotadas. Não se afirma aqui especificamente uma administração ou outra, mas sim o *modus operandi* da instituição, que não está voltada para inclusão do estudante que precisa trabalhar durante a sua formação. A implementação de uma gestão orientada por dados e resultados permitiria maior alinhamento das políticas e práticas institucionais às necessidades dos trabalhadores-estudantes, contribuindo para uma formação acadêmica mais inclusiva e eficiente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Universidade, o trabalho e o curso noturno. **Estudos e Debates**, n. 17, p. 91-4, 1990.

ARROYO, M. G. Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez., 2010.

BITTAR, M.; ORTEGA, W. R. P. A universidade e o estudante trabalhador: um estudo de caso da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB. **Multitemas**, n. 3, 2016.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2022**. Brasília: Inep, 2024.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em 05/04/2024.

BUTLER, A. B. Job characteristics and college performance and attitudes: A model of workschool conflict and facilitation. **Journal of Applied Psychology**, v. 92, n. 2, p. 500-510, mar., 2007.

CARVALHO, T. K. P.; CARDOSO, W. G. Estudantes-trabalhadores: percursos, ingresso e estratégias de permanência no ensino superior. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano. 07, Ed. 06, Vol. 08, p. 05-28, jun., 2022.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

COSTA, Simone Gomes. **A equidade na Educação Superior: uma análise das políticas de assistência estudantil**. Porto Alegre, 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DESJEUX, D.; SUAREZ, M; CAMPOS, R. O método dos itinerários: uma contribuição metodológica das ciências sociais à pesquisa de consumo em gestão. **Revista Brasileira de Marketing**, vol. 13, n. 2, p. 71-83, mai., 2014.

DIAS SOBRINHO, J. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1223-1245, out.-dez., 2010.

FISCHER, F. M. et al. Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 8, n. 4, p. 973-984, jan., 2003.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONTOURA JUNIOR, Nei Saraiva da. **Avaliação do impacto da implantação da Universidade Federal do Pampa sobre os indicadores da educação básica no município de Bagé**. 2022. 75 p. Dissertação (Mestrado Profissional de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, São Borja, 2022.

FURLANI, L. M. T. A claridade da noite: os alunos do ensino superior noturno. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 20, p. 155-182, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

MARANHÃO, J. D.; VERAS, R. M. O ensino noturno na Universidade Federal da Bahia: percepções dos estudantes. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas na Educação**, v. 96, n. 25, p. 553-583, jul., 2017.

MESQUITA, Maria Cristina Das Graças Dutra. **O trabalhador estudante do Ensino Superior noturno**: Possibilidades de acesso, permanência com sucesso e formação. Orientadora: Dra. Maria Esperança Fernandes Carneiro. 2010. 192 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação, Goiânia, 2010.

MORGAN, D. L. Focus groups. **Annual Review of Sociology**. v. 22, p. 129-152, 1996.

NUNES, E.; MARTIGNONI, E.; CARVALHO, M. M. Expansão do ensino superior: restrições, impossibilidades e desafios regionais. Documento de trabalho n° 25. **Observatório universitário**. Out., 2003.

OLIVEIRA, C. L.; GUIMARÃES, K. A. A.; COSTA, M. M.; NUNES, R. S.; MARTINS, L. F.; OLIVEIRA, R. M. Desafios de trabalhadores-estudantes no ensino superior. *In*: SEMINÁRIO DE ATUALIZAÇÃO DE PRÁTICAS DOCENTES DA UNIEVANGÉLICA, v. 2. n. 1., 2020, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UniEvangélica, 2020.

OLIVEIRA, D. C. de. et al. Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. **Estudos de psicologia**. v. 6, n. 2, p. 245-258, dez., 2001.

PEREIRA, Lucinea de Souza. **Trabalhar e estudar, eis a questão**: os desafios enfrentados pelos estudantes trabalhadores da Universidade Federal de Ouro Preto. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016.

PIRES, Lavínia Madruga. **A universidade multifuncional nos cursos noturnos**: uma análise da formação acadêmica do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante. 35 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Pública), Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2021.

POCHMANN, M. **Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide social. São Paulo: Boitempo, 2013.

ROMANELLI, G. Significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 76, n. 184, p. 455-476, 1997.

SILVA, P. T. F.; SAMPAIO, L. M. B. Políticas de permanência estudantil na educação superior: reflexões de uma revisão da literatura para o contexto brasileiro. **Revista de Administração Pública**, v. 56, n. 5, p. 603-631, out., 2022.

SPOSITO, M. P. et al. **Trabalhador-estudante**: um perfil do aluno do curso superior noturno. São Paulo: Loyola, 1989.

STAKE, R. E. **A arte da investigação com estudos de caso**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

TERRIBILI FILHO, Armando. Ensino superior noturno no Brasil: estudar para trabalhar ou trabalhar para estudar?. **Odiseo – Revista Electrónica de Pedagogía**, v. 4, n. 7, fev., 2007.

TOJA, Laura Soares. **Caracterização da evasão no âmbito do curso de matemática - Licenciatura da Unipampa - Campus Itaqui**: um estudo exploratório. Orientador: Allan Alves Fernandes. 2023. 72 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Matemática). Universidade Federal do Pampa, Curso de Matemática, Itaqui, 2023.

TUZZO, S. A.; BRAGA, C. F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 4, n. 5, p. 140-158, ago., 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Relatório do aproveitamento pedagógico dos Cursos presenciais do Campus Livramento em 2023/1**. UNIPAMPA: Núcleo de Desenvolvimento Estudantil, 2023a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Relatório do aproveitamento pedagógico dos Cursos presenciais do Campus Livramento em 2023/2**. UNIPAMPA: Núcleo de Desenvolvimento Estudantil, 2023b.

VARGAS, H. M.; PAULA, M. F. C. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 18, n. 2, p. 459-485, jul., 2013.

VASCONCELOS, Natalia Batista. Programa Nacional de Assistência Estudantil: uma análise da evolução da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. **Ensino Em-Revista**. Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 599-616, jul/dez 2010.

WORLD BANK GROUP. **The COVID-19 crisis response: supporting tertiary education for continuity, adaptation, and innovation**. Washington, DC, 8 de abril de 2020. Disponível em: <<https://documents1.worldbank.org/curated/en/621991586463915490/The-COVID-19-Crisis-Response-Supporting-Tertiary-Education-for-Continuity-Adaptation-and-Innovation.pdf>>. Acesso em 09/04/2024.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, 2006.

APÊNDICE A - RELATO AUTOBIOGRÁFICO DOS ITINERÁRIOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – UNIPAMPA
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
RELATO AUTOBIOGRÁFICO

O presente relato faz parte do estudo “DESAFIOS ENFRENTADOS PELO TRABALHADOR-ESTUDANTE EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL”. A pesquisa busca compreender a rotina e os desafios enfrentados pelos trabalhadores-estudantes, visando contribuir para a melhoria das políticas educacionais e de suporte aos estudantes que conciliam trabalho e estudo.

O relato autobiográfico tem por objetivo capturar suas experiências diárias como trabalhador-estudante, fornecendo uma visão detalhada sobre suas rotinas e os desafios enfrentados em diferentes momentos do dia.

Utilizaremos as seguintes perguntas como guia para o seu relato:

Manhã:

1. Como é a sua rotina pela manhã? Descreva as atividades que você realiza antes de ir para o trabalho ou à universidade. Inclua informações sobre os horários, deslocamentos, e eventuais dificuldades enfrentadas.

Tarde:

2. O que você costuma fazer durante a tarde? Relate suas atividades no trabalho e/ou na universidade, incluindo pausas para alimentação, estudo e outras tarefas. Comente sobre os desafios específicos enfrentados nesse período.

Noite:

3. Como é a sua rotina à noite? Descreva as atividades após o trabalho ou a universidade, como estudos, lazer, cuidados com a família, entre outros. Inclua informações sobre como você gerencia seu tempo e as dificuldades encontradas.

Impacto na Graduação:

4. De que forma sua rotina de trabalho-estudo impacta sua graduação? Relate sobre os principais desafios que você enfrenta para conciliar trabalho e estudo, e como isso afeta seu desempenho acadêmico, sua saúde e seu bem-estar geral.

INSTRUÇÕES PARA O RELATO:

Utilize a caixa de texto abaixo para responder a cada pergunta. O campo irá se expandir automaticamente para a próxima página.

APÊNDICE B – ROTEIRO GRUPO FOCAL

Dados sociodemográficos:

Idade:

Gênero:

Procedência:

Estado civil:

Filhos:

Divisão de residência:

Tempo como trabalhador:

Tempo como trabalhador-estudante:

Perguntas:

- 1) Quais ações de assistência estudantil da universidade vocês já usufruíram?
- 2) Quais bolsas da universidade já tiveram acesso?
- 3) Como você percebe a importância da casa de estudante em uma universidade pública?
- 4) Com casa de estudante, você trabalharia?
- 5) Como foi o impacto do restaurante universitário nas suas rotinas?
- 6) Como vocês avaliam os horários da universidade?
 - a) horários das aulas?
 - b) funcionamento do campus/Secretaria/biblioteca?
 - c) restaurante universitário?
 - d) e em relação ao transporte público?
- 7) Como você avalia a segurança para estudar à noite?
- 8) Quais os desafios para usufruir desses benefícios estudantis com relação à rotina de vida de vocês?
- 9) Como vocês avaliam o impacto da atual rotina de vida no seu desempenho acadêmico?
- 10) De que forma o funcionamento da universidade se relaciona ao seu desempenho acadêmico?
- 11) Como a universidade deveria estar organizada e funcionando para receber adequadamente o aluno que precisa trabalhar?